

SEMINÁRIOS TEOLÓGICOS PENTECOSTAIS EM DIALOGO COM A TEOAMBIENTOLOGIA E A SUA INTERDISCIPLINARIDADE

Ensinar exige criticidade, uma superação e não simplesmente uma ruptura com o antigo. A criticidade aproxima epistemologicamente do objeto tornando a compreensão mais apta (Freire, 2010 p.17)

Ângela Maringoli¹

RESUMO O artigo quer analisar se a presença da religiosidade antropocêntrica judaico-cristã que influenciou o protestantismo brasileiro oriundo de raízes europeias e estadunidense dos últimos séculos e que favoreceu o desenvolvimento de ideologias religiosas como o Pentecostalismo, através da sua presença de fé contribuíram na destruição dos ecossistemas. Para dialogar criticamente sobre essa cosmovisão expansionista do ethos² pentecostal no Brasil herdada dos missionários europeus e norte-americanos colonizadores na educação teológica e na missão, e para construir nosso artigo sobre a educação teológica pentecostal e seu dialogo com o meio ambiente, faremos uma breve análise sobre os avanços e retrocesso da educação ambiental, da educação teológica e pentecostal até os dias atuais. O artigo criou para serem inseridas ao projeto pedagógico e no programa de aula assim como na inclusão dos núcleos temáticos modelos de ementas que contenham os conhecimentos da Teologia Ambiental a saber: Teoambientologia e suas perspectivas sociais, políticas e econômica.

Palavras chave: Educação Teológica; Teologia Ambiental, Teoambientologia, Pentecostalismo.

INTRODUÇÃO

A espiritualidade pentecostal confronta a o racionalismo protestante ortodoxo mediante a valorização da afetividade na experiência religiosa porque a experiência recoloca Deus e o seu Espírito no centro de todas as relações. O mundo secularizado abre espaço para supremacia humana e os seus direitos. O ser humano em sua autossuficiência se completa. Esse sentimento de negação de Deus oriundo do racionalismo moderno foi confrontado pelo Pentecostalismo, a religião da experiência, aquela que abraça o espiritual através do derramamento do poder e traz Deus e o seu Espírito ao centro de todas as coisas. Os teólogos pentecostais defendem que a teologia pentecostal tem o potencial de unir o diálogo entre o fenômeno religioso, a ortodoxia da fé e a práxis, isso é, a ortopraxia porque são esses pilares que a preparam para os diferentes contextos plurais da contemporaneidade do século XXI.

¹ Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: prof.angela.maringoli@gmail.com

Nossa proposta é que esse potencial seja canalizado para um sentido mais amplo de missão e para tanto propomos abertura para a questão ambiental como um dos fundamentos para a prática missionária. Nesse sentido, defendemos que, para os dias atuais, a educação teológica pentecostal e isso inclui a missão, pode revisar os seus programas de ensino teológico incluindo em seus núcleos programáticos ou grades curriculares os *saberes da educação ambiental*, considerando os marcos teológicos da missão Transformadora. Tal revisão importa no que estamos chamando de Teoambientologia, a Teologia Ambiental.

I- EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A Educação Ambiental por vezes é também entendida como Educação Política, isso porque a mesma atua como partidária de ações transformadoras, na realidade na sociedade em que está inserida, transformando-a em uma sociedade sustentável. A Educação Ambiental (EA) em seus saberes inclui a ciência da ecologia, da biodiversidade dos ecossistemas, dos desenvolvimentos sustentáveis, das leis que resguardam o meio ambiente contra os crimes ambientais e outros. Os aspectos sociológicos da EA estabelecem relação com o dia a dia dos cidadãos com propósito de produzir um crescimento contínuo e consciência com respeito aos acontecimentos socioambientais. Acreditamos que a visão holística da E.A. ajudará os seminaristas, futuros missionários (as), a solucionarem os problemas³ que surgem no dia a dia das comunidades. Normalmente, a vivência no campo missionário inclui resolver questões simples e complicadas pelas quais uma comunidade vive questões que vão desde o reconhecer se a terra tem um solo apropriado para o plantio de sementes, se esse é ácido demais ou mesmo seco ou salificado. Saber sobre o transporte e replantio de mudas de hortaliças para os canteiros, conhecimentos básico necessários para a elaboração de uma horta familiar, ou mesmo para a construção de poços artesanais e cisternas com filtro de carvão ativo até a situação mais comprometedora, como a assistência em primeiros-socorros, acidentes ou casos emergenciais, como um parto, que podem ser úteis nos processos de formação educacional e

³Normalmente, a vivência no campo missionário inclui resolver questões simples e complicadas pelas quais uma comunidade vive questões que vão desde o reconhecer se a terra tem um solo apropriado para o plantio de sementes, se esse é ácido demais ou mesmo seco ou salificado. Saber sobre o transporte e replantio de mudas de hortaliças para os canteiros, conhecimentos básico necessários para a elaboração de uma horta familiar, ou mesmo para a construção de poços artesanais e cisternas com filtro de carvão ativo até a situação mais comprometedora, como a assistência em primeiros-socorros, acidentes ou casos emergenciais, como um parto, que podem ser úteis nos processos de formação educacional e para os conteúdos programáticos de Missiologia e outras, visando atender as necessidades da sociedade e da missão da igreja.

para os conteúdos programáticos de Missiologia e outras, visando atender as necessidades da sociedade e da missão da igreja.

David Hume, século XVII, escritor iluminista, em *O Dialogo*, sobre a religião natural, publicado postumamente em 1779. Nos seus escritos, o autor mostrava rejeição e objeções aos argumentos que fundamentalizavam a religião em justificativas racionais. Hume acreditava que somente a fé deve ocupar-se com assuntos que exigem fé e experiência com o mundo espiritual: A existência de Deus, uma questão que permeia os diálogos de humanos. Ceticismo e empirismo são elementos filosóficos presentes em sua crítica e que se encontra em destaque como: “Tornemo-nos plenamente conscientes da debilidade, cegueira e estreiteza da razão humana”. Nessa frase nota-se que a vida cotidiana nos serve de guia, mas são as nossas experiências que contam, e o mesmo vale para a fé. Nossas sensações são os únicos fatos prováveis. (HUME, 1992, p.11 e p. 31). Semelhantemente, temos que o cristianismo, atual, está imerso em um mundo religioso secularizado permeado por uma leitura hermenêutica racionalista e uma exegese bíblica que privilegia alguns métodos de análise em detrimento da narrativa, da análise histórico crítica; estrutural e outros métodos de análise como método estrutural, narrativo, histórico em detrimento a experiência religiosa.

Souza vai comentar que a secularização⁴, é o processo pelo qual ideias e instituições religiosas demonstram que estão perdendo sua significação social, e as suas ideias tornando-se menos significativas e as instituições mais marginalizadas. (SOUZA, 2007 p.95).

II- PENTECOSTALISMO E A RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL

2.1- Breve História do Pentecostalismo Global

O pentecostalismo foi gerado em meio aos diversos momentos da história do cristianismo protestante conhecido como os “avivamentos”⁵ fenômenos, que em suas épocas,

⁴ Araújo comenta que secularização em Berger é um termo que foi usado originalmente, na esteira das Guerras de Religião, para indicar a perda do controle de territórios ou propriedades por parte das autoridades eclesiásticas. No Direito Canônico, o mesmo termo passou a significar o retorno de um religioso ao mundo (ARAÚJO 2003, apud BERGER, 1985, p. 118).

⁵ Avivamento é uma referência simbólica de longa data na tradição da Reforma Protestante do século XVI após a morte de John Hus os *irmãos unidos* que eram da Boemia vizinhos da Moravia abraçaram o protestantismo mais tarde o avivamento Morávio por Nikolaus Ludwig von Zinzendorf (pietista) (1700 a 1760). Os irmãos morávios em 150 de missão enviaram 2170 missionários para diferentes campos no relatório de 1930 fala-se de 136 lugares 2442 obreiros nacionais e 35000 alunos em seus seminários. Jonathan Edwards teólogo e pastor calvinista norte-americano (1730 a 1740). John Wesley, de dominação anglicana, teologicamente arminiano. Pregador ao ar livre seus sermões atraíram milhares de pessoas, aos 86 foi para a Irlanda e pregava 6 vezes ao dia (1703-1791) Charles Grandison Finney calvinista teólogo avivalista e abolicionista (1792 a 1875). George Whitefield, pastor inglês, anglicano, foi para

tiveram os seus “moveres ou efervescências espirituais” que atraíam as multidões. Como fenômeno social o pentecostalismo teve seu expansionismo diretamente ligado ao crescimento do cristianismo alcançando diferentes culturas em diferentes épocas foram alcançadas o que talvez explique os muitos “pentecostalismos” o que torna uma tarefa difícil mapear ou precisar as origens embrionárias do pentecostalismo porque o mesmo é um universo religioso a parte, um fenômeno social.

É comum encontramos estudiosos que concordam que o início do pentecostalismo se deu como está narrado nos textos bíblicos em específico nos Livro de Atos dos Apóstolos durante a descida do Espírito Santo, (At.2). “Para esses, a grande demonstração da chegada do Pentecostes foi a manifestação do *falar em línguas* estranhas, glossolalia. Tal fenômeno conhecido como “o batismo no Espírito Santo” passou a representar a “Era do Espírito” e desde então, a igreja cristã tem vivido essa dispensação do Espírito Santo para todos os cristãos que creem. Para o cristianismo, O *parakletos*⁶ é o que ensina todas as coisas inclusive sobre as coisas vindouras. (Jo 14,26).

Durante a pesquisa pode ser observado a presença desses muitos modelos de pentecostalismos que o artigo considerou como possíveis precursores do modelo de pentecostalismo que conhecemos hoje. Existem conjecturas sobre quando se deu o seu início. Tais movimentos, no decorrer da história do cristianismo, que denominamos de matrizes teológicas do pentecostalismo contribuíram no desenvolvimento da teologia pentecostal atual.

2.2- A Reforma Protestante de Lutero do Século XVI e sua Influência no Pentecostalismo

Durante a Reforma Protestante foi destaque a revolução camponesa sob a liderança de Thomas Müntzer e sua luta em prol da justiça para todos. A motivação de Müntzer era social política e econômica. Eram lutas em prol das diferenças entre as classes sociais. Um grito a favor dos pobres e injustiçados. Historicamente há os que defendam em Müntzer o nascedouro do pentecostalismo europeu e com a sua gênese na reforma protestante, período

os Estados Unidos onde trabalhou com Geórgia junto com Wesley, era um firme defensor do calvinismo, seus sermões atraíram milhares de pessoas Whitefield rompeu com a tradição, fazia seus sermões ao ar livre. (1714 a 1770). Charles Haddon Spurgeon, pastor metodista (1834-1892). Dwight Lyman Moody (1837 - 1899) Willian Joseph Seymour estadunidense (1906).

⁶ O Espírito no Antigo Testamento era para uns pouco, profetas, juizes e alguns reis, enquanto que para os pentecostais o fenômeno religioso neotestamentario o *Pneuma*, é o Espírito pessoal de Deus, o Vento que conduz e move todas as coisas (Jo3,8).

que representou um processo social e histórico na Alemanha. Thomas Müntzer teólogo, pastor luterano ficou conhecido como um dos principais líderes entre os camponeses contra os nobres feudais na Alemanha no século XVI, foi seguidor de Lutero de quem se separou porque diferentemente desse, Müntzer era um crítico do poder da nobreza alemã. Müntzer tinha ideias diferentes do monge que convivia bem com os príncipes alemães e que por conta disso não apoiou a revolta dos camponeses. Outros líderes europeus como Georg Blaurock, Conrad Grebel, Agatha Trezel, John Miliandick, e Félix Manz são exemplos de trabalhadores a se revoltarem contra o sistema feudal.

Esses movimentos, que passaram a ser chamados de protestantes se dividiram em duas grandes correntes: A denominada reforma magisterial e a denominada reforma radical, que, por sua vez, se subdividiram em três grupos. Do lado magisterial: Os luteranos - que são os seguidores de Martinho Lutero (1483-1546) e Phillipe Melancton (1497-1560); os reformados - que são os seguidores de Zwínglio (1484-1531), Calvino (1509-1564) e Knox (1514-1572); e os anglicanos – quando o rei Henrique VIII (1491-1547) formou a Igreja nacional na Inglaterra com apoio de teólogos como Tomás Cranmer (1489-1556) e William Tyndale (1484-1536). Do lado radical: Os racionalistas, seguidores de Karstaldt (1486-1541); os espiritualistas, seguidores de Thomas Müntzer (1489-1525); e os anabatistas, seguidores de Conrad Grebel (1498-1526) e Félix Manz (1498-1527). Para apresentarmos nossa problematização, que é estudar o conflito ideológico dos anabatistas com os demais reformadores, é preciso apresentá-los introdutoriamente, como faremos a seguir. (Neto 2016).

Uma grande rebelião camponesa varreu a Europa questionando a divisão das terras dos reinos, seus revoltosos experimentavam as experiências religiosas das glossolalias, não aceitavam a conexão das elites com o cristianismo, e por isso, se rebatizavam nos rios. Eles foram chamados de “anabatistas” – que numa tradução simples seria o “novo-batismo”⁷.

Müntzer defendia a ideia da instalação o Reino de Deus na Terra através de uma reforma social que eliminaria os privilegiados. Müntzer era visto como um profeta, pregador da volta ao cristianismo primitivo. Era simpatizante da doutrina anabatista usava sempre o argumento de que o juízo final estaria próximo. Era um profeta pautado em interpretações apocalípticas da Bíblia. Müntzer é um dos nomes entre os outros 300 mil camponeses que lutou pelas transformações do mundo feudal para conseguir unir a religião e a política. Ernest Bloch comenta que

⁷ <https://midianinja.org/fabiopy/flores-nas-encostas-de-cimento-o-silenciamento-e-a-tomada-dos-crentes-de-esquerda-na-politica/> acesso em 13/04/2021

Parecia cumprir-se a velha profecia, que acompanhara Müntzer desde o início, aproximando-se o tempo da plenitude das águas, reunindo-se em torrente no profetizado ano de 1524, quando todos os planetas se encontrassem no zodiacal quadrante dos peixes, soando então a Hora do juízo e do Messias. (BLOCH, Ernest. Thomas Müntzer, o Teólogo da Revolução, p. 50)

Enquanto Lutero criticava a maneira com a qual a igreja católica pregava o evangelho Müntzer se preocupou em criticar a riqueza detida pelas instituições religiosas da época⁸ e pela nobreza. Um pastor que falava pelo povo, um precursor da reforma agrária⁹ ao querer trazer o ao seu modo, o reino de Deus e sua justiça na terra. Esse grito de Müntzer pela voz dos mais fracos, pobres e oprimidos encontra similaridade com o pentecostalismo enquanto religião de periferia do pobre e oprimido. Raciocínio e motivações similares comporão o Núcleo temático da Teologia Sistemática - Tema: Antropologia Teológica – criação e o meio ambiente.

2.3- O Pentecostalismo Europeu e as Raízes Arminiana.

Para proteger sua doutrina e fé as pertenças ministeriais pentecostais se isolaram em suas crenças firmadas nos pilares do Arminianismo¹⁰ no quesito relacionado a “salvação da alma”. O Pentecostalismo em defesa da sua fé e para resistir aos muitos fenômenos, modismos heréticos, ameaças da secularização e do pluralismo religioso que rodeiam o universo religioso seguem valores soterológico dos pilares arminista. No anseio de proteger sua doutrina e fé as pertenças ministeriais pentecostais se isolaram em suas crenças e teologia. Os pentecostais acreditam que poderiam viver esse chamado da relação com Deus na pessoa

⁸ <http://esbocoscristaos.blogspot.com/2014/07/lutero-thomas-muntzer-e-revolta.html> acesso em 31.05.18.

⁹ Reforma agrária é a reorganização das terras, latifúndios, com o objetivo de promover e proporcionar a redistribuição das propriedades rurais, ou seja, efetuar a distribuição da terra para realização de sua função social. Alguns países fizeram essa modelo de reforma com razoável sucesso e outros não; Japão, USA, França e outros através da estatização das terras. Na Itália, o governo aumentou os impostos e os grandes latifundiários foram obrigados a vender uma parte de suas propriedades aos pequenos agricultores em troca receberam menores impostos, financiamentos com menor juros bancários. Em Cuba, durante a revolução, os proprietários foram desapropriados de suas terras que foram confiscadas pelo governo. No Brasil, apesar do Estatuto da Terra, existe a má distribuição de terra, então, tal proposta morreu na praia porque é difícil dismantelar a política do agronegócio fruto das relações históricas de monarquia colonialismo e poder. A principal organização popular que luta pela implantação da reforma agrária no Brasil é o MST (Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra) e o órgão federal responsável pela sua operacionalização é o INCRA (Instituto Nacional de Colonização de Reforma Agrária). <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-reforma-agraria.htm> acesso 12/08/2019.

¹⁰ O arminianismo é uma escola de pensamento soterológico, que surgiu na Holanda baseada sobre ideias de Jacobus Arminius e seus seguidores históricos que trabalha a relação da soberania de Deus e o livre arbítrio dos seres humanos em relação a salvação. O metodismo desenvolveu sua teologia no pensamento de Arminius. (1560 - 1609)

de Jesus o Cristo. Os cinco pilares do Arminianismo¹¹: 1- Salvação pela fé. 2-Expição total dos pecados pelo sacrifício vicário de Cristo Jesus. 3-Capacidade humana, Livre-arbítrio: Todos os homens embora sejam pecadores, ainda são livres para aceitar ou recusar a salvação que Deus oferece (por meio da Graça Preveniente). 4- A Graça resistível estendida a todos os seres humanos indistintamente que podem resistir ou não a ela. 5- A garantia da salvação como sendo algo questionável, pois depende da resposta humana à graça de Deus. Para teologia pentecostal a fé é um dom que vem de Deus, é Ele quem nos dá a fé através do seu Espírito Santo. (Efésios 2,8-9). O arminianismo foi incluído na pesquisa porque em termos teológicos ele contém uma das possíveis nascentes do pentecostalismo A soterologia arminiana é semelhante à da teologia pentecostal no que diz respeito à soberania de Deus e do livre arbítrio dos seres humanos em relação a salvação.

Essa ligação como uma das hipóteses reafirma a responsabilidade do ser humano enquanto salvo dotado de livre arbitro, que tem diante de si um leque de ações que possibilitam o debate na Teoambientologia, a teologia Ambiental, haja vista que sob essa ótica, o resgate e preservação da criação são uma questão soterológica.

2.4- O Pentecostalismo Americano e a Influência Wesleyana.

A história do pentecostalismo estadunidense segundo alguns estudiosos tem seu início em Los Angeles a experiência ao falar em línguas (glossolalia), fenômeno que distinguia o movimento, dos demais movimentos religiosos¹² com William Joseph Seymour, negro, filho de escravos agraciados pela Proclamação de Emancipação nortista de Abraham Lincoln. O pentecostalismo surgiu em um ambiente religioso altamente dinâmico e volátil no século 19. Seymour segundo estudiosos, foi o precursor do avivamento da Rua Azusa, ocorrido em 1906. Seymour foi importante nesse período por tornar o pentecostalismo em um “fenômeno internacional e mundial”. O pentecostalismo nos Estados Unidos possuía raízes negras. Matos escreveu que o pentecostalismo é uma somatória de influências que incluem o movimento pietista do século 18, os grandes despertamentos nos Estados Unidos, o metodismo de João Wesley e, mais especificamente, o chamado movimento de “santidade”

¹¹ O arminianismo é uma escola de pensamento soterológico, que surgiu na Holanda baseada sobre ideias de Jacobus Arminius e seus seguidores históricos que trabalha a relação da soberania de Deus e o livre arbítrio dos seres humanos em relação a salvação. O metodismo desenvolveu sua teologia no pensamento de Arminius. (1560 - 1609)

¹² Para mais, ver Mariana Reinisch Picolotto. (2016).

(Holiness) do final do século 19.¹³ Tal movimento, contou com a participação de Charles Fox Parham¹⁴ pregador metodista do Instituto Bíblico em Topeka Kansas (1900) que segundo sua bibliografia teve também a experiência ao falar em línguas (glossolalia). Parham um dos líderes pastorais de Seymour.

Segundo alguns estudiosos, o movimento pentecostal com influência das raízes wesleyanas em específico no quesito de santidade, passou por uma sistematização do conceito firmado no pensamento de que a humanidade, feita à imagem de Deus, como criatura, foi designada a recebê-lo, a interagir e a refleti-lo no mundo. Essa é a “Graça Responsável”. Na vivência da “Graça Responsável”, a santificação refletiria nas ações do cristão no mundo, no serviço social, ecológico, na missão e evangelização (RUNYON, 2002). Tal sentimento cresceu em busca de respostas às demandas da época. Esse condutor de duas mãos, orava por respostas, segundo Wesley foi trazido pela renovação da relação com Deus através do Cristo.

Peter Fry comparando pentecostalismo e metodismo em São Paulo identificou em ambos a ênfase na graça universal e a busca pela santidade bíblica como certa matriz religiosa. Ambos os movimentos possuem em comum a “rigorosa disciplina moral como o caminho para a salvação num mundo futuro e ambos se preocupam com a organização em larga escala e com a hierarquia”. Os metodistas da década de 1970 traziam “dramáticos tabus contra a bebida, a televisão, o futebol outros. Da mesma forma gozam da reputação, honestidade e trabalho duro ” (FRY, 1982, p. 22,23 e 35)¹⁵

¹³ <http://www.faiifa.edu.br/revista/index.php/voxfaifae/article/view/29> acesso em 11 de maio 2018.

¹⁴ O *restauracionismo*, era um esforço para a volta das práticas da igreja primitiva., essa crença permeou muitos pentecostais que se viam como parte do último grande avivamento antes da *parousia* de Cristo. A expectativa da iminência no dispensacionalismo casava muito bem com essa crença. Charles Fox Parham chegou a abraçar o Israelismo Britânico, uma crença um tanto bizarra que o Império Britânico era o novo Israel, ou melhor, era a descendência direta das antigas tribos do norte de Israel. Crença essa que lembra um pouco a própria escatologia do mormonismo. No entanto, essa crença de Parham entrava em choque diretamente com a expectativa universalista de William Joseph Seymour que, em um primeiro momento, via na *xenolalia* marca para a evangelização mundial e como a agregação dos povos em um só. Outros pentecostais se viam como a chuva serôdia do texto escatológico do profeta Joel. A própria crença no Batismo no Espírito Santo como uma capacitação de poder para evangelismo (Atos 1.8) que visa à evangelização mundial até o fim (Mateus 24.14) reforçava tal ideia. O pastor presbiteriano Arthur T. Pierson (1837- 1911), que substituiu o batista Charles Spurgeon no Metropolitan Tabernacle, chegou a criar um método de cálculos proféticos que previa uma grande crise mundial entre 1880 a 1920. A escatologia de Pierson foi influenciada pelo restauracionista e clérigo anglicano John Nelson Darby (1800-1882). Pierson foi consultor da *Bíblia de Referência Scofield* e amigo de nomes como D. L. Moody. <https://teologiapentecostal.blog/2016/01/24/por-que-o-pentecostalismo-abracou-o-dispensacionalismo-classico/> acesso em 12/06/2018.

¹⁵ “Hoje somos só evangélico e crente”: Novos olhares sobre a identidade do protestantismo brasileiro. Carlos Henrique Pereira de Souza1

Um dos exemplos que vale ser citado é um dos sermões teológicos de Wesley o Sermão 64 “A Nova Criação” onde o pastor anglicano mostrava uma preocupação com a terra que remete a esperança escatológica de resguardar a criação de Deus. A graça exigindo a participação responsável do ser humano: De um lado o clamor humano (puritanismo e pentecostal) e do outro a misericórdia graciosa de Deus, isso é, dinâmica sinérgica (conceito arminiano). Runyon define sinergia ou funcionamento em conjunto como uma parceria na qual o Criador instrui, infunde e inspira a criatura com aquele objetivo original da existência humana, ou seja, a participação humana cheio do Espírito Santo. Um dos postulados de Armínio diz que a salvação vai acontecendo quando o ser humano se sujeita a graça de Deus. (RUNYON, 2002 p. 34 e 35).

David Martin aponta que havia centenas de descrições de encontros metodistas que soam como as descrições de trabalhos pentecostais, como Joseph Barker ao narrar o avivamento em Sheffield (1835), entre metodistas históricos e os de matriz pentecostal alguns autores destacam que esses de matriz pentecostal falavam a língua vernácula e pregavam com o coração” (MARTIN, 1990, p. 41).

A consciência de tal sinergia entre o Deus criador e o ser humano levaram-no a protagonizar iniciativas missionárias. A ênfase no cultivo da própria salvação, amparado e inspirado pelo Espírito Santo podem se constituir em ações concretas no conjunto da sociedade visando a expansão do Reino de Deus, não se restringindo à proclamação do Evangelho, mas em muitas outras esferas nas quais o Evangelho está inserido. Inclusive a do meio ambiente.

III- HISTÓRIA DO MOVIMENTO PENTECOSTAL BRASILEIRO E AS ASSEMBLEIAS DE DEUS

A expressão “avivamento”¹⁶ vem da tradição protestante e o termo é antigo (revivals), do século XVIII e XIX do qual fazem parte as ADs. Estudiosos defendem que as origens do pentecostalismo brasileiro estão em suas heranças pietistas¹⁷ oriundas de seus fundadores os suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren missionários que chegaram ao Brasil em 1910. Outros defendem seu nascedouro e suas raízes wesleyanas em Seymour (1922),

¹⁶ Essas ênfases se intensificaram em muito com o surgimento do Segundo Grande Despertamento, ocorrido na região da fronteira oeste durante as primeiras décadas do século 19. Sob a influência de pregadores como Charles G. Finney (1792-1875), houve um progressivo questionamento da teologia reformada tradicional, com seu enfoque na soberania de Deus, e uma ênfase crescente na liberdade, iniciativa, capacidade de decisão e experiência pessoal, em sintonia com a nova cultura americana que então se consolidava.

¹⁷ Movimento que surgiu no século XVII centralizado na Piedade é santidade no caráter, um zelo de crescer em graça e sabedoria, dar muito fruto do Espírito. Tal movimento, valoriza a experiência pessoal do crente.

pentecostalismo norte americano. A contribuição da tradição pentecostal para o protestantismo brasileiro e latino americano se encontra na leitura hermenêutica pentecostal do texto bíblico. Diante disso, o artigo quer propor que, para os dias atuais, a Educação Teológica em específico, a Pentecostal pode revisar os seus programas de ensino teológico respeitando a sua ortodoxia da fé e a práxis, isso é, a ortopraxia¹⁸ que a prepara para os diferentes contextos plurais da contemporaneidade do século XXI. Para tanto, foi usada a lógica dos *saberes* da Educação Ambiental, considerando os marcos teológicos da missão transformadora¹⁹. Tal revisão redundaria no que designamos de Teoambientologia.

3.1- O Pentecostalismo no Brasil e a Educação Teológica Pentecostal das Assembleias de Deus no Brasil.

Como exemplo, por ser a denominação pentecostal brasileira dominante, destacamos as ADs (1910), que nasceram no início do século XX, com a chegada dos missionários pentecostais suecos e norte-americanos. A Assembleia de Deus carrega em sua formação teológico-pastoral as marcas congregacionais dessa dupla influencia: A experiência elaborada pelos suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren²⁰ e a dos americanos²¹ gerada das divisões causadas por grupos que defendiam a presença da educação teológica e o grupo que não a queriam.

Desde 1920/1930 as AD fazem uso das revistas lições bíblicas dominicais. A editora CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus) responsável pelas publicações dos livros e do jornal cristão “O Mensageiro da Paz” (1930). O que se percebe por análise dos temas dos livros editados pela CPAD é que a formação teológica está sendo cada vez mais exigida dos pastores e líderes da denominação. Existem mais de 60 escolas teológicas das AD no

¹⁸ Ortopraxia significa fazer a prática do que se julga reto, do grego *orthos* é reto e *praxis* é prática.

¹⁹ A expressão missão transformadora foi gerada há quase cinco décadas, (1970) no seio da Fraternidade Teológica Latino-Americana, por aqueles mesmos que ajudaram a elaborar o Congresso de Lausanne como tentativa de destacar a importância de conceber a missão da Igreja dentro de um marco de referência teológico mais “bíblico” que o tradicional. O que se havia instalado nos círculos evangélicos, influenciado pelo movimento evangélico moderno, que concebia a missão cristã em termos essencialmente geográficos, era quase sempre um cruzamento de fronteiras geográficas, com o propósito de levar o Evangelho do “mundo ocidental e cristão” para “os campos missionários”, não dava mais conta. (MARINGOLI, 2016, p.48. apud Padilha, 2009 p. 14).

²⁰ A Suécia não era um país com uma sociedade próspera como hoje, suas dificuldades econômicas fizeram com que muitos imigrassem depois da reforma liberal que incluiu mudanças religiosas de 1860 buscassem a outros países a procura de oportunidades. Os fundadores suecos vieram de um país onde a religiosidade era homogênea e eles eram socialmente excluídos. (FREESTON 1993)

²¹ Para conhecimento mais aprofundado do assunto, vide (BITUN, 2007; CAMPOS, 1995; FREESTON, 1993; ROMEIRO, 2005; MARIANO, 1999).

Brasil²², entretanto o método educacional da Educação das AD esteve centralizado nas escolas dominicais. A Educação Teológica é um produto da cultura cristã que com os seus dogmas, visões doutrinárias e teológicas perpassa os ensinamentos bíblicos fundamentais e que se consolidou nos moldes das muitas ambiguidades e transformações sociais pelas quais as sociedades e o cristianismo passaram.

Ricardo Bitun comenta que este pentecostalismo do Brasil²³, e isso inclui as Assembleias de Deus, é denominado pelos cientistas da religião como pentecostalismo clássico, por categorizarem forte acento na necessidade do Batismo no Espírito Santo e rígido afastamento dos padrões de conduta socialmente estabelecidos.²⁴ (BITUN, 2009).

Pommering analisa que os pentecostais resistiram à inserção do ensino teológico formal e reflexivo em suas igrejas pelo fato do pentecostalismo apresentar uma cultura anti-intelectualista e de religiosidade experiencial sendo que essa era construída prioritariamente de forma oral e narrativa. Os empreendimentos financeiros estiveram voltados aos Instituídos Bíblicos até surgirem os cursos reconhecidos pelo MEC e aceitos por algumas Assembleias de Deus. (POMMERING, 2015).

Entretanto, Alencar admite que até 1930 as ADs em suas comunicações e liturgia continham tema inclusivo onde o cuidado com o pobre, negros e as mulheres permeavam as discussões e que inclusive, as mulheres na época, participavam dos trabalhos ministeriais. (ALENCAR, 2012, p.85)

Tal resistência a educação teológica provocou um retrocesso na hermenêutica e na exegese bíblica que seguiu os moldes de ensino dos seus fundadores, para Bitun textos como os do Apóstolo Paulo à Igreja de Coríntios (1 Co 1.18- 21 e 8.1) são destacados e interpretados como se o Apóstolo, como o próprio Deus, desprezasse o intelecto, a reflexão e o conhecimento. (BITUN, 2009, p 58).

²² O Centro de Estudos do Movimento Pentecostal (Cemp) é responsável pela guarda, conservação, organização, catalogação e desenvolvimento de todo o material da CPAD gerado e reunido no passado e no presente e que se encontra fisicamente guardado na Biblioteca, no Memorial Gunnar Vingren, nos arquivos de fotos, imagens, fitas cassetes, vídeos, CDs, DVDs, filmes, produtos, documentos impressos da editora, coleções de periódicos e revistas da Escola Dominical. Todo esse material se constitui no acervo e na memória histórica, não somente da CPAD, mas das Assembleias de Deus no Brasil. <http://www.editoracpad.com.br/institucional/integra.php?s=2&i=64> acesso em 17/05/2018.

²³ O pentecostalismo tem sua origem em Atos dos Apóstolos capítulo 2, reavivado no movimento *Holiness* do século XIX que preconizava o batismo no Espírito Santo ênfase na glossolalia esse movimento criou uma expectativa em relação aos finais dos tempos.

²⁴ BITUN, Ricardo. *Formação teológico-pastoral na tradição das Assembleias de Deus: experiências, ênfases e desafios* Revista Caminhando v. 14, n. 2, p. 55-65, jul./dez. 2009

IV- A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA MISSÃO → TEOAMBIENTOLOGIA A TEOLOGIA AMBIENTAL

Por diferentes razões que incluem a complexidade histórica dos movimentos pentecostais e protestantes analisados acima, que influenciaram o desenvolvimento da missão, nos interessam neste artigo as reflexões que envolveram o Evangelho Social com maior presença na segunda metade do século 20. Para o artigo o “protestantismo latino americano” obtiveram reflexões determinantes para o que hoje denominamos de Missão Integral Transformadora²⁵.

4.1- Desafios da Teologia da Missão Integral Transformadora (MIT)

A MIT²⁶ é formada, principalmente, por teólogos e missiólogos latino-americanos que fizeram conhecida as bases fundantes daquela Teologia porque participaram desde o início do desenvolvimento da mesma. (MARINGOLI, 2019).

Para os teólogos da MIT, a proposta era conceber uma referência teológica de missão mais bíblica e menos tradicional²⁷, comumente feita pelas igrejas, que mantivesse a verdade bíblica, que buscasse ser um modelo de *modus vivendi* que evidenciasse, de forma sucinta, o pensar teológico do movimento evangelical, com a sua teologia “salvífica” e “cristológica”.

Tentar considerar a assimilação dos pentecostais à Missão Transformadora (MIT) somente dificultara o desafio, entretanto o pentecostalismo se fez através das experiências religiosas de pessoas reais, o que inclui as excluídas socialmente ou rejeitadas, parias sociais, que viviam teologicamente fora da *matriz*. O fenômeno do pentecostalismo atraiu pessoas indistintamente em seus momentos de aflição, pobreza, rejeição, exclusão, analfabetismo e foram esses negros, pobres e distantes de todas as possibilidades medianas plausíveis de vida que o pentecostalismo encontrou.

No período de 1960 e 1970, dentro das igrejas, os diálogos conservadores e as provocações teológicas fervilhavam a ponto de favorecerem a criação de projetos sociais locais influenciados por uma vivência missionária familiarizada com o diálogo da

²⁵ Ver MARINGOLI, 2018, para saber mais sobre missão integral.

²⁶ René Padilla, Orlando Costas, Samuel Escobar, John Stott, Pedro Arana, Valdir Steuernagel, entre outros, propuseram um compromisso com o Evangelho e com o Homem, ser humano, como um ser integral: “o evangelho todo, para o homem todo, para todo o homem” (Pacto de Lausanne, 1974).

²⁷ “Levar o Evangelho para os campos missionários distantes, cruzando fronteiras e ganhando almas, salvando almas e plantando igrejas”.

comunidade. Por esse tempo, teólogos, juntos com as comunidades evangélicas brasileiras, lutavam por uma teologia que tivesse *a cara do Brasil*. (MARINGOLI, 2019)

O crescimento numérico problematiza a identidade do movimento pentecostal, mas a MIT, por possuir um viés social aprimorado, buscou o equilíbrio teológico em um mundo institucional permeado entre o conservadorismo do movimento evangélico do início do século XX, com o clamor sociopolítico crítico e ecumênico dos setores teológicos latino-americanos. (MARINGOLI, 2019)

John Stott comenta que uma, entre outras, razões da alienação evangélica do interesse social provavelmente foi a difusão do cristianismo entre pessoas da classe média, que tendiam a enfraquece-lo ao adapta-lo a sua própria cultura. Essas pessoas influenciadas por vários vieses teológicos e sociais não se importavam com a situação do pobre e do fraco injustiçado, preocupavam-se unicamente com a sua própria salvação (STOTT, 2014, p.30). Stott chama a atenção para que "os resultados da evangelização incluem a obediência a Cristo, o ingresso em sua igreja e um serviço responsável no mundo" que devem procurar não somente evidenciar, mas também divulgar a retidão do Reino em meio a um mundo injusto. Portanto, a salvação que se alega possuir deve estar atrelada a transformar a totalidade de nossas responsabilidades pessoais e sociais, afinal, a fé sem obras é morta. (STOTT, 2014, p.30).

Os teólogos da MIT reagiram à *deformação* interpretativa do Evangelho pelos grupos fundamentalistas quando, manipulados pelo condicionamento ideológico capitalista, restringiram o Evangelho à esfera espiritual sem o compromisso com a situação política, econômica e de carência do mundo. (MARINGOLI, 2019).

Para Gondim, ADs foram as que criaram reação ao desenvolvimento do Evangelho Social da MIT no Brasil mantendo-a no ostracismo (GONDIM, 2009 p.27) no entanto há uma discordância parcial de Gondim. Pesquisas mostram que no Congresso de Lausanne 1974²⁸ representantes e líderes das ADs se encontravam e apoiaram o evento, embora não tenham conseguido capilarizar as propostas convencionadas em Lausanne.

²⁸ Do Brasil, tivemos o pastor Nilson de Amaral Fanini, batista, como um dos co-presidentes, o pastor Alcebíades Vasconcelos, Assembleia de Deus, no Comitê Executivo, enquanto eu e o pastor batista Davi Gomes integrávamos a Comissão de Convocação. O pastor Fanini foi escolhido como presidente da delegação brasileira, tendo como vice-presidente o então pastor presbiteriano (IPB) Neemias Marien Lembro-me do avião da VARIG fretado saindo do Galeão, com os brasileiros, os paraguaios, os argentinos e os guianenses pela manhã um culto devocional usando o microfone da aeromoça foi dirigido pelo pastor Davi Gomes, com Juan Carlos Ortiz liderando o louvor com uns corinhos. (CAVALCANTI, 2010.apud MARINGOLI 2019).

Em pesquisas anteriores, comprovou-se a participação de tais líderes no Congresso:

O líder da Convenção Geral das Assembleias de Deus, Alcebíades Vasconcelos, e dos pastores como Geziel Gomes e N. Laurence Olson e conta que o convite de Lausanne foi endereçado diretamente ao Alcebíades Vasconcelos então, presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil, (CGADB) porque ele era o homem que decidiria os caminhos que seriam trilhados no futuro da educação teológica da denominação. A da Casa Publicadora das Assembleias de Deus a pedido de Laurence Olson (1910-1993), envolvido com a educação teológica e com o uso da mídia para a proclamação do Evangelho foi quem publicou a matéria sobre o Pacto de Lausanne pela primeira vez no Brasil. O Pacto de Lausanne desencadeou várias articulações entre as denominações fazendo com que esses líderes visualizassem a possibilidade de um diálogo uniforme entre as denominações, entretanto com o passar do tempo o distanciamento se instalou. (Maringoli, 2016. p. 26.).

Com as mudanças e divisões dos diversos ministérios das ADs (Belém, Brás, Madureira, Santos e outros), surgiram por esse mesmo tempo, outras resistências em relação ao evangelho social da MIT e da teologia de expressão do Evangelho Social²⁹ por parte dos evangélicos pentecostais e dos evangélicos adeptos da Teologia da Prosperidade. Entretanto, a Teoambientologia adere o pensamento antropológico e soterológico da MIT³⁰, que defende o evangelho para todos os seres humanos independente da sua condição social corpo, alma e espírito, (carências emocionais, financeiras, profissionais e espirituais). Esse pensamento coopera para a formatação da teologia pentecostal na defesa de que a corrupção, degeneração e maldade do coração do ser humano, o seu pecado e depravação que maculou a imagem e semelhança de Deus. E Para tanto, desenvolvemos dez (10) sugestões de ementas de núcleos temáticos que com suas práticas pedagógicas inovadoras discorrem sobre os saberes interdisciplinares da Ciência da Teoambientologia³¹, a serem usados nos programas de aulas dos seminários teológicos.

²⁹O termo Evangelho Social (*Social Gospel*) foi cunhado por teólogos protestantes no final do século XIX como oposição às práticas capitalistas da época. A tese central deste movimento é o ser humano como guardião do próximo. Seus articuladores foram Washington Lis (1836-1918) e Walter Rauschenbush (1861-1918). (RAUSCHENBUSCH, 1997; LOPES, 2013).

³⁰ As décadas seguintes foram caracterizadas por uma produção teológica bem diferenciada, pois havia entre os cristãos uma onda espiritualista e carismática com uma nova dinâmica para a implantação do Reino de Deus. Na prática como aconteceu no ministério público de Jesus, estas duas realidades (evangelização e ação social) são inseparáveis. A população destituída e subnutrida do mundo introduz-se o contexto da evangelização. Pois o Pacto declara que não podemos atingir esse alvo (da evangelização mundial) sem sacrifício, pelo menos nas sociedades livres, e raramente teremos de optar entre uma e outra. Em lugar de estarem em competição, elas se sustentam e fortalecem mutuamente, numa espiral ascendente de preocupação crescente. (STOTT 2003, p 62, aput Maringoli 2016 p. 28).

³¹ Teoambientologia é a ciência holística que aglutina em si os saberes da educação ambiental, da educação teológica cristã e da missão integral. Como pesquisadora tenho me dedicado a pesquisar, analisar criticar e criar mudanças nos projetos pedagógicos das escolas e seminários evangélicos.

1-	Núcleo Temático: Teologia Sistemática; Tema: Antropologia Teológica – Criação e o Meio Ambiente.
2-	Núcleo Temático: Teologia Sistemática; Tema: Cristologia, Soterologia, Harmatologia, Pneumatologia – Redenção de todas as coisas.
3-	Núcleo Temático: Teologia Sistemática; Tema: Escatologia.
4-	Núcleo Temático: Bíblia; Tema: Antigo e Novo Testamento.
5-	Núcleo Temático: Bíblia; Tema: Apocalipse.
6-	Núcleo Temático: Teologia Pastoral:
7-	Núcleo Temático: Políticas Públicas e Sociologia.
8-	Núcleo Temático: Missiologia; Tema: A Teologia da Missão Transformadora da Igreja e a sua responsabilidade socioambiental.
9-	Núcleo Temático: Teologia Pastoral e as Políticas Públicas; Tema: O cotidiano do cristianismo nos espaços públicos, Mordomia Cristã.
10-	Núcleo Temático: Sociologia. Tema: Dinâmicas- Político-Sociais Ambientais.

O artigo sugere que a partir das análises e aprovação das ementas, e da viabilidade de suas inclusões nas grades curriculares seja feita uma revisão teológica no projeto pedagógico dos seminários teológicas e escolas pentecostais incluindo as das Assembleias de Deus do Brasil³² (AD) filiadas à Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil (CGADB) a partir do seu *ethos*³³ pentecostal (sueco norte americano e norte brasileiro). Ressaltamos que as demais pertencas pentecostais clássicas estão incluídas nessa discussão. Das sugestões de ementas acima escolhemos como possíveis opções de inserção aos núcleos temáticos delas, a saber:

1-	Núcleo temático da Teologia Sistemática - Tema: Antropologia Teológica –
----	--------------------------------------------------------------------------

³² Paul Freston comenta as três ondas que influenciaram o pentecostalismo e na sua origem: A influência sueca e sua inserção do pentecostalismo no Brasil. A influência sueca é percebida no Pietismo das igrejas da Assembleia de Deus, a desinstitucionalização inicial, a ênfase na simplicidade, na não ascensão social que a aproximou das camadas mais pobres da sociedade brasileira e na experiência espiritual acima da literatura. Comum as duas nações e a “experiência Espiritual”, a “cura pela fé”, o “falar em Línguas (glossolalia), o “batismo adulto”, a “apreciação de todas expressões musicais” pentecostais, a teologia da prosperidade, e a representação de Deus através de uma figura carismática manifesta pelo líder da igreja. As duas últimas características representam o momento pentecostal depois da década de 60 que surgiu nos Estados Unidos, influenciando Brasil e Suécia. file:///C:/Users/user/Downloads/65741-270718-1-PB%20(2).pdf 11 de maio 2018.

³³ Ethos é uma palavra com origem grega, que significa "caráter moral". É usada para descrever o conjunto de hábitos ou crenças que definem uma comunidade ou nação. <https://www.significados.com.br/ethos/> acesso em 14.05.2018.

Criação e Meio Ambiente”.

2- Núcleo temático da Escatologia ³⁴ - Tema: Perdão e Esperança no Porvir. A santidade de coração oriunda do perdão e a santidade de vida esperança escatológica no provir. Esperança na volta de Cristo para completar sua obra salvífica começada.

V- NÚCLEO TEMÁTICO – TEOLOGIA SISTEMÁTICA- TEMA: ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA – CRIAÇÃO, QUEDA, O MEIO AMBIENTE E A MORDOMIA.

Pertencer a uma comunidade religiosa como as Assembleias de Deus do Brasil define o cristão moderno com um ethos religiosas próprias dessa pertença. A religião³⁵ é um dos melhores meios de se condicionar a visão do mundo convergindo-a para o foco que se quer dar, religião e a crença³⁶ moldam sua visão³⁷ do grupo.

³⁴ Estudar ou pesquisar sobre a Escatologia em terreno pentecostal tem que se considerar os estudos do Dispensacionalismo. As AD são pré-milenarista. Os pré-milenaristas defendem, a maneira de como se dará a segunda vinda de Cristo e o seu reinado na Terra. Essa interpretação é a partir de cada história de fé das tais pertenças e de outras que também são pre milenaristas. O milênio é o conceito de um período glorioso de paz e alegria, no qual os eleitos irão habitar sob o governo pessoal e imediato de Cristo, na Terra, após seu retorno. O dispensacionalismo é uma doutrina teológica que tem seu precursor em John Nelson Darby (1882) considerado o pai do dispensacionalismo acredita que a Bíblia está organizada em 7 dispensações e que 5 dessas já ocorreram. O dispensacionalismo, como um sistema, resulta em uma interpretação pré-milenar da Segunda Vinda de Cristo, e geralmente uma interpretação pré-tribulacional do arrebatamento. Esta crença é muito criticada pelo meio protestante em geral por tentar antecipar a volta de Cristo por meios políticos. Divide-se em: amilenistas, pré-milenarista pós-milenarismo. Milenarismo é o termo que denota na teologia a crença no milênio, isto é, os 1.000 anos do reinado de Cristo na terra com os santos. (Ap.20,16). http://www.iglesiapueblonuevo.es/index.php?codigo=enc_milenarismooacesso em 12/06/2018.

³⁵ Max Weber em “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, de 1905, é onde encontramos a associação entre o fenômeno religioso e a sociedade. Em seu livro o autor defende que houve uma correlação entre um sistema religioso e o desenvolvimento de um sistema econômico

³⁶ Segundo o dicionário, Fé é “Crença; convicção intensa e persistente em algo abstrato que, para a pessoa que acredita, se torna verdade.” (FÉ, 2009). Fé e crença podem, em certa medida, ser tratados como sinônimos. A fé é um tipo de crença inabalável ao qual se filia um adepto. é uma verdade incontestada. Algo que possui impactos filológicos nos indivíduos, modificando seu corpo. É uma crença. E o que é uma crença? Crença é algo que se acredita. que se crer. Aquilo que orienta sobre a realidade. Como mostrei nos tópicos anteriores, as religiões possuem crenças em torno de tudo que envolve o indivíduo: do seu corpo, de sua mente, do mundo visível e invisível. A partir do momento que esta crença se estrutura, se desenvolve um processo de aprendizagem que atribui segurança ao indivíduo dizendo e orientando o que ele deve fazer e porque ele deve fazer. Para os não religiosos o mais próximo de uma crença seria, para propormos uma comparação com fins compreensivos, as explicações da ciência. P 57 é a crença que sustenta mantem controle que a religião mantem sobre seus adeptos. (p.58)https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/175184/2/Manual_%20Sociologia%20da%20Religi%C3%A3o.pdf 14.05. 2018

³⁷ Francis Schaeffer (1976) fala de um momento interessante da história do cristianismo depois da Reforma Protestante, onde era comum as pessoas terem fé na Bíblia e no que ela afirma como profissão de fé. Havia um entendimento que a revelação de Deus com toda a sua criação e o cosmo, tanto a natureza como o celestial estavam juntos e figurava nesse modelo de cristianismo uma resposta que incluía a relação do homem com a natureza, portanto, um momento humanista de alta expressividade. Na arte da pintura a natureza estava presente,

E segue-se a pergunta do por que os pentecostais assembleianos não se engajam nas questões relacionadas ao meio ambiente? Quais são os elementos teológicos usados por esses que defendem tal comportamento? No desejo de conseguir uma resposta para essa pergunta o artigo analisa as matrizes hermenêuticas e escatológicas do movimento teológico pentecostal.

Sabemos que a resposta para essa pergunta está na hermenêutica bíblica³⁸ escatológica da denominação religiosa e que perpassa o limite da igreja influenciando diretamente a educação teológica dos mesmos, os seus projetos pedagógicos e matrizes curriculares. Para encontrar uma possível resposta a essa pergunta usaremos um dos pilares do arminismo: capacidade humana do livre-arbítrio. “Todos os homens, embora sejam pecadores, ainda são livres para aceitar ou recusar a salvação que Deus oferece (por meio da Graça Preveniente)”. A salvação nesse sentido é plena. É completa trata-se da capacidade do homem para pensar, conhecer a si mesmo e relacionar-se com o mundo ao seu redor e determinar o seu “eu” quanto ao certo e o errado, ao que é justo e o que é injusto, o ser humano tem a capacidade de se relacionar com o meio ambiente e com o outro que é a proposta da Teoambientologia para a restauração de todas as coisas.

A dificuldade em responder essa pergunta talvez se encontre no fato de que a hermenêutica da teologia pentecostal das ADs recebe a influência de matrizes teológicas diversas. Não faz parte da teologia pentecostal ADs a esperança de um planeta Terra restaurado. A teologia pentecostal que estuda a escatologia é dispensacionalista, ela é quem dita o comportamento da fé do crente. A ética e a moral pentecostal estão condicionadas a leituras apocalípticas e escatológicas do céu e inferno. Segundo a hermenêutica apocalíptica das ADs textos bíblicos mostram que haverá um final do mundo, e um dia do Juízo de Deus. A Bíblia diz que os rumores de guerras, as grandes catástrofes e destruições indicariam o fim do planeta (Mt24), e sinal da vinda de Jesus, porque então envolver-se em causas ecológicas

ou seja, nas telas dos pintores. A graça e a natureza não estavam separadas, pois era a ideia da unidade como base da revelação de Deus. Só um cristianismo genuíno terá essa resposta. (MARINGOLI, 2019).

³⁸ A *Teoambientologia* ressalta a visão epistemológica da *mordomia* e a responsabilidade do ser humano com o meio ambiente. Portanto existe o diálogo entre essa visão da *mordomia*, por vários momentos dos textos bíblicos, com o as disciplinas dos seminários teológicos como: Teologias do Antigo e do Novo Testamento, Teologias Sistemáticas, Antropologia, Sociologia e Missiologia. A escassa produção da temática sobre a *mordomia e os cuidados com a terra* na discussão teológica mostra que esse é um diálogo, algo recente, resgatado pela Missão Transformadora com a *Teoambientologia*. Na visão da Missão Transformadora, o Cristianismo, apesar das muitas vertentes doutrinárias, tem sido um agente transformador no processo social e globalização. Robison Cavalcanti ao prefaciá-lo ao livro resultado do primeiro encontro de Cosmovisão Bíblica e Transformação Integral; *Cosmovisão Cristã e Transformação* (2006), escreveu “*que algo de urgente precisa ser feito para que o ‘crescimento’ evangélico brasileiro não se transforme em um imenso fiasco, ou, o que é pior, em uma tragédia*” (CAVALCANTI, 2006, p. 13).

e ou meio ambiente? A Terra está destinada à destruição. Nosso lugar é nos céus, nossa morada é com Deus, afirma o crente pentecostal das ADs.

A escassa produção da temática sobre a *mordomia e os cuidados com a terra* na discussão teológica e hermenêutica pentecostal mostra que esse é um diálogo recente, resgatado pela Missão Transformadora segundo leitura da *Teoambientologia*. A *Teoambientologia* ressalta a epistemologia da *mordomia* e a responsabilidade do ser humano com o meio ambiente. Existe o diálogo entre a *mordomia*, em vários textos bíblicos, com as disciplinas dos seminários teológicos como: Teologias do Antigo e do Novo Testamento, Teologias Sistemáticas, Antropologia, Sociologia e Missiologia.

O Cristianismo, apesar das muitas vertentes doutrinárias, tem sido um agente transformador no processo social da globalização. Robison Cavalcanti no primeiro encontro de Cosmovisão Bíblica e Transformação Transformadora; *Cosmovisão Cristã e Transformação* (2006) escreveu “*que algo de urgente precisa ser feito para que o ‘crescimento’ evangélico brasileiro não se transforme em um imenso fiasco, ou, o que é pior, em uma tragédia*” (Cavalcanti, 2006, p. 13).

VI- A INFLUÊNCIA DA LITERATURA APOCALÍPTICA NO PERÍODO INTER BÍBLICO.

O assunto é complexo e se faz necessário revermos os estudos sobre apocalipsismo visíveis no Livro de Daniel perpassando a história do apocalipsismo bíblico até chegar ao livro de Apocalipse. Os estudos que serão vistos nesse item, serão usados no Núcleo Temático da Escatologia³⁹ - Tema “perdão e da esperança no porvir”. (3.2.3).

Para uma melhor construção do item, Núcleo Temático da Escatologia - Tema “perdão e da esperança no porvir (3.2.3) foi necessário fazer um breve estudo da história de Israel do período dos pós exílio babilônico a Alexandre o Magno ao período dos Macabeus”. Existe um ponto de ligação entre o judaísmo do século II a.C. com as comunidades cristãs pós-destruição do Templo. Nesses dois momentos de crise, onde a perda do local de culto e a opressão estrangeira faz nascer nova esperança em meio à perseguição. Trata-se da gênese do gênero apocalíptico.

No retorno do exílio babilônico a religião judaica havia se reconstruído, o templo reformado e ativo, sacerdotes, profetas e escribas em suas devidas funções, os muros

³⁹ As AD são pré- milenarista.

construídos, as festas restauradas. O judaísmo do século V confiava na providencia e intervenções de Yahweh. Entretanto o processo cultural de helenização de Israel trazia as marcas dos seus opressores que começaram a questionar a fidelidade e intervenção de Yahweh na fé judaica instigando os judeus. Os selêucidas⁴⁰, descendentes de Alexandre o Magno, com seu rei Antíoco IV Epifanes na metade do século II a. C., com ajuda dos sacerdotes do templo de Jerusalém implantam uma reforma na religião judaica. Contra essa reforma e contra os selêucidas pela quebra das leis e das tradições judaicas se insurgem Matatias e seus filhos em defesa do povo que estava sendo oprimido. Esse momento ficou conhecido como a revolta dos Macabeus. (os Macabeus mais tarde passaram a se chamar Hasmoneus, e esses não eram admirados pelo povo assim como Herodes que era Idumeu também não era).

6.1 - Núcleo Temático da Escatologia - - Tema: Perdão e Esperança no Porvir.

Escatologia significa estudo das últimas coisas o que inclui a morte e assuntos relativos a ela afinal a morte pode ser vista por muitas religiões, como um estudo escatológico cósmico. “Últimas coisas” palavras que carregam em si a tensão das emoções geradas quando pensamos nos finais dos tempos. É o imaginário popular de *que tudo vai se acabar*. A Escatologia enquanto doutrina dos finais dos tempos, esta sustentada em dois grandes pilares que são a esperança, sendo essa a grande chave desse estudo, e a Missiologia que é a maneira como encaramos o fim dos tempos e o reproduzir através da responsabilidade no reino. De fato, a esperança e motivação, do porvir, escatológica dos primeiros escritores bíblicos do Novo Testamento é o fio condutor da inspiração cristã desde os primórdios. O que temos é que o debate escatológico surge quando *as coisas* estão difíceis ou em baixa. A escatologia desperta a nossa responsabilidade é o fim afetando *o já, o agora*.

Os textos apocalípticos nesse estudo são considerados em si mesmos antes de serem concatenados com outros textos bíblicos, correlatos ou não. A linguagem hermética observada nos textos inteiramente escritos nesse gênero literário, (Daniel e Apocalipse) denotam um ambiente de forte perseguição⁴¹. A linguagem simbólica evita identificação imediata pelo perseguidor, mas é inteligível para o destinatário. Resistência e denuncia são as chaves

⁴⁰ O estilo literário apocalíptico tem seu início e é fortemente marcado por estar presente na literatura judaica dos quatro séculos antes de Cristo, no período de governo dos selêucidas. Os livros deuterocanônicos I e II Macabeus e outros livros não canônicos foram escritos nesse período, conhecido como período Inter bíblico no qual “Deus não falou” inclusive o livro de Daniel.

⁴¹ STORNILO, Ivo. Como ler o Livro de Daniel, *Reino de Deus x Imperialismo.*, São Paulo. Paulus 2007. Pg. 09.

hermenêuticas dos textos. O autor do livro é alguém que está em prisão, banido do convívio social e da comunidade amiga, alguém que faz uma série de denúncias contra as maldades do império romano. ao povo.

O Apocalipse possui como chave hermenêutica palavras como resistência, denuncia, celebração, felicidade e outras que são próprias de uma linguagem apocalíptica dos últimos dois séculos antes de Cristo. O livro é dirigido às igrejas da Ásia com a finalidade de exortá-las a resistirem aos dias maus. Apocalipse retoma a linguagem que é mesma usada no livro de Daniel quando descreve a Besta antes referida aos Impérios Babilônico, (leão) Persa (urso) e Grego (pantera). A figura da Besta agora é para se referir ao Império Romano. É o profético se expressando em quanto gênero literário na linguagem da resistência e denuncia. No Antigo Testamento os profetas denunciavam as injustiças nacionais. (ver livro profeta Amos). O Apocalipse incentiva o povo a resistir e a profetizarem (Ap. 10,11). Incrivelmente o livro de Apocalipse tem como chave hermenêutica a resistência, a denúncia que os unem para a celebração da vitória de Cristo sobre a morte (Ap. 5,6). No livro de apocalipse Deus prepara uma nova e boa vida para os seus filhos aqui nessa terra, na Nova Jerusalém, uma vida em comunidade pacífica. (BORTOLINI, 1994, p.10).

O imperialismo destrói a identidade do povo e também o reino humano formado por pessoas fieis.(STORNILOLO, p.68). O autor faz uma do salmo de numero 8, no qual ressalta que a majestade de Deus triunfa sobre o mal e o reino de Deus se torna um reino onde a humanidade concretizara os planos de Deus.O livro fala do fim do imperialimos e não o fim do mundo. (Ap. 8,17). Deus é quem pelejará e para isso Ele instalou o reino de Deus na Terra.

A grande Babilônia é o codinome usado para Roma no livro do Apocalipse. Roma na época era a potência política, econômica e militar que se contrapunha à implantação do Reino de Deus. O mundo estava dominado pelo império romano⁴² em todos esses aspectos era o anticristo. O mundo estava dominado por pessoas embriagadas pelo poder que animalizam suas ações e se desumanizam em favor de si mesmas. É lugar comum, desde a Reforma Protestante identificar Roma com o Papado. A partir daí parte significativa da identidade evangélica é construída em negação à identidade católica. O anticristo é automaticamente identificado com o Papa, na medida em que a Igreja Católica assume o aparato administrativo Romano, outrora atribuído ao Imperador: *Pontifex Maximum* ou Sumo Pontífice. Desde então

⁴² Apocalipse foi escrito nos anos 95.d.C. o imperador era Domiciano que governou de 86 a 96d.C. Foi o primeiro imperador a perseguir ferozmente os cristãos e que retomou o culto ao imperador. Havia templos de culto ao imperador em todas as grandes cidades.

o Vigário de Cristo é identificado como anticristo. Vez por outra o reino do anticristo é estendido também ao comunismo stalinista ou maoísta e ao Islã.

Franz Hinkelammert observa que o Império Romano foi a primeira instituição a colocar no meio circulante uma moeda padronizada e aceita em todas as partes sob seu domínio⁴³. O poder econômico era parte da dominação, aliado ao poder repressor militar. A essa conjugação de poderes somava-se o discurso religioso. Daí a alusão à marca da Besta sem a qual ninguém pode comprar ou vender. A sutileza do autor do Apocalipse compara a marca da Besta ao Tefilim, utensílios de oração que os israelitas amaram na testa e na mão direita para fazerem suas orações. A intenção evidente é não separar a funcionalidade da moeda do Império e a sedução da qual é capaz, é mais mortífera do que sua capacidade de destruição.

Na época de Augusto (César Augusto. Imperador romano 63 a.C.-14 d.C.) foi que se institui o culto ao Imperador como base de sustentação da lealdade do exército e da sociedade romana. Tanto que Flávio Josefo registra o discurso de Agripa, por ocasião do levante iniciado em 66 d.C. e acabou com a derrota fragorosa dos judeus, destruição do Templo e queda de Jerusalém: “pois todos os que vivem debaixo dos céus temem as armas Romanas... em consequência, avisa-os que a guerra é um levante contra Deus, que está ao lado dos romanos. Ao estar contra Deus a própria religião judaica perecerá”⁴⁴.

Esse discurso denota a arrogância do Império a qual é mencionada no texto apocalíptico, juntamente com a peça de blasfema. Roma enquanto instituição política, econômica e religiosa é denunciada da figura da Besta (Apocalipse 13 11 a 18.). Hinkelammert prossegue comentando sobre as aclamações dos adoradores da Besta. Em sua opinião diziam: “Quem é como Deus?” (“o autor do Apocalipse por temor piedoso, não reproduzi o termo, preferindo escrever: quem é como a Besta?”).

Em resposta, Deus manda o anjo Miguel, cujo significado é: “quem é como Deus?”, que a responde: o Império não é como Deus”!

Como dito, muito se tem especulado sobre o aspecto religioso do Império Romano como instrumento de dominação e alienação. Pouco se tem refletido sobre o aspecto político e econômico da dominação, outras faces do Tripé de dominação do anticristo.

⁴³ HINKELAMMERT, Franz, Lúifer e Besta, *Sacrifícios Humanos e a Sociedade Ocidental*, São Paulo, Paulus 1995 pg. 118.

⁴⁴ IDEM *Ibidem* p. 117.

O tema é por demais atual. A recente greve dos caminhoneiros gravitou em torno do tema, na medida da intensificação por parte do governo da opção pelo Mercado: a lógica é a mesma; os investidores não podem perder, se o preço de mercado se eleva dia sim dia não, aumenta-se o valor do combustível dia sim dia não. A população é sacrificada em honra do deus mercado.

Os interesses do Capital desde a muito impactam o meio ambiente. Na medida em que se endeusa e idolatra o mercado, não só o meio ambiente, mas o ser humano passa a não ter lugar na agenda, tanto os judeus que se levantaram contra Roma em 66 d.C. Sob essa lógica idolátrica romana descrita e testemunhada no Apocalipse toda a pauta se volta contra, reivindicando direitos deve ser demonizada e exterminada. Não é difícil perceber que alguns grupos cristãos se precipitam a desqualificar grupos de preservação do meio ambiente ao invés de enxergar neles uma voz profética. A respeito da ação anticristo do ponto de vista econômico, o apocalipse dá a resposta; a esperança escatológica repousa no triunfo da nova cidade Santa, a Nova Jerusalém, substituta de Roma (note-se que a redação do Apocalipse se deu após trinta anos da destruição de Jerusalém). Lá as ruas serão de ouro. Se ouro é usado para calçamento é porque perderá seu valor especulativo. É a condenação da idolatria do mercado.

Nesse sentido é pertinente sob a ótica apocalíptica a crítica à degradação do meio ambiente por interesses, do Capital, do agronegócio monocultor e da proliferação dos transgênicos.

Como vimos os apocalipsismo não se referem somente aos finais dos tempos. Os escritos apocalípticos são as Escrituras dos desempoderados que, mesmo perseguidos, resistem. O poder opressor não é só uma liderança corrompida e um sistema religioso em vias de apostasia, como os enfrentados ardentemente pelos profetas, mas sim um poder alienígena que impõe não somente religiosidade herética, mas um sinal econômico que sufoca a identidade nacional. Assim foi com a dominação grega no tempo da redação do Livro de Daniel que se refere a outras potências dominantes do passado, na impossibilidade de se referirem ao verdadeiro opressor e à dominação romana no período da redação do Livro do Apocalipse. (ver item 2.3). Portanto se o espírito do imperialismo atua na humanidade podemos entender o livro de Daniel é um livro para os dias de hoje! A humanidade necessita de uma transformação para se livrar desse espírito de imperialismo

Se, os livros apocalípticos de Daniel e Apocalipse mostram períodos de apostasia, nos quais Cristo se revelou e a religião judaica e a religião romana não o aceitaram significa que ambas as religiões são falsas, então surge a pergunta: Quais são as forças opressoras que abafam a verdade nos dias de hoje.⁴⁵ As grandes discussões⁴⁶. As discussões sobre, giram no entorno do corretamente político o que inclui o desenvolvimento sustentável o que na verdade é uma grande falácia porque quanto mais as populações se desenvolvem sócio economicamente maior é o consumo para ser transformadas pela indústria em bens de consumo o uso das mais variadas espécies de matérias primas oriundas do planeta.

Para Tillich a Escatologia trata da relação entre o temporal e o eterno. O *Telos* de tudo, a finalidade de tudo é. Para o autor a doutrina da criação usa o passado para simbolizar a relação entre o temporal e o eterno enquanto a escatologia usa o futuro para fazê-lo. (Tillich p.736)⁴⁷. É a religião com seus dogmas de fé quem determina o que é real ou não. Isso seria o mesmo que dizer que o social compõe o religioso e vice-versa. Porque ambos possuem a mesma natureza e composição. As representações religiosas pentecostais descritas são representações coletivas e elas irão exprimir suas realidades espirituais, seus ritos e maneira de orar, louvar orar e pregar também no coletivo, o que suscita identidade no pensar. As religiões, e isso inclui o pentecostalismo, se estruturam em torno de um conjunto de símbolos e sanções que permeiam as relações entre os indivíduos regulando tanto suas condutas como as suas práticas.

VII- TEOLOGIA PENTECOSTAL E OS DESAFIOS PARA OS DIAS ATUAIS.

Certamente, existem vários caminhos a trilhar, porém o presente estudo no quesito Educação Teológica e do núcleo temático da Teoambientologia optou por resgatar a leitura hermenêutica popular da Bíblia que privilegia as relações da sociedade e da natureza em suas políticas ambientais e nesse sentido a inserção dos núcleos temáticos sugeridos pela Teoambientologia viriam a corroborar com o desenvolvimento da Teologia Pentecostal⁴⁸.

⁴⁵ Migração nordeste do Brasil. Êxodo no Brasil 1930 – cangaço; 1970 – construções e outros. Falácia da Sustentabilidade, ver Comblin.

⁴⁶ Jung Mo Sung e Franz Hinkelammert em -Teologia e Economia e Lúcifer e a Besta.

⁴⁷ TILLICH Paul. Teologia Sistemática, 2005 p.736, Sinodal São Leopoldo.

⁴⁸ Em conversa recente com o responsável pela publicação de livros na CPAD, Pr. Professor Alexandre Coelho, esse relatou a preocupação da direção da CPAD de uns dez anos pra cá, na publicação de literatura teológica mais densa, afirmando a necessidade de “fechar as brechas editoriais” existentes na editora. Acrescenta-se ainda à sua competência: reconhecer as instituições teológicas de ensino que atenderem as exigências das Diretrizes e Bases do Conselho de Educação e Cultura Religiosa. As instituições de ensino teológico reconhecidas deverão adaptar-se às Diretrizes e Bases do Conselho de Educação e Cultura Religiosa”⁴⁸. (BITUN, 2009).

No Brasil a história do desenvolvimento e formação da Teologia Pentecostal tem seus pressupostos históricos nos Estados Unidos.⁴⁹ Foi, sob o guarda-chuva da política americana, final da Segunda Guerra Mundial, no período *American Way of live* que os Estados Unidos intensificaram as suas relações internacionais com o Brasil enviando missionários estadunidenses que por aqui tiveram destaque, entre eles estavam Bernhard Johnson, (1976 EETDA – Escola de Educação teológica das Assembleias de Deus, 1984 IBICAP – Instituto Bíblico de Campinas, 1987 FAETAD – Faculdade de Ensino Teológico das Assembleias de Deus, 1993 IBI – Instituto Bíblico do Rio de Janeiro), Lawrence Olson, John Peter Kolenda (CPAD - Casa Publicadora das Assembleias de Deus 1951 e 1956 -1957 idealiza os projetos para o IBAD) e seus sobrinhos Ruth Dorris Lemos, João Kolenda Lemos, (IBAD – Instituto Bíblico das Assembleias de Deus) missionários das Assembleias de Deus envolvidos com o ensino teológico pentecostal.

Pommering defende as manifestações experimentais do pentecostalismo e a importância do fenômeno de êxtase através do batismo no Espírito Santo e, como educador e pesquisador do pentecostalismo ele propõe um método teológico que coopere no desenvolvimento da teologia pentecostal que concilie o legado pentecostal com as teologias acadêmicas e reflexivas. (Pommering, 2015).

Essa afirmação do Pommering encontra similaridade em Max Weber, para o qual a religião é a chave da interpretação para o entendimento de processos culturais mais amplos, como o desencantamento do mundo e a secularização⁵⁰. Além disso, Weber define como estilo de vida próprio fomentado pelo indivíduo, que, conseqüentemente, interfere na conduta de um grupo ou de uma coletividade historicamente determinada. Weber aponta a religião (o protestantismo) como um dos determinantes causais da ética econômica do capitalismo europeu

Para Osiel Lourenço os pentecostalismos das Assembleias de Deus devem ser caracterizados em momentos que o autor chamou de primeiro período 1930 – 1945. Nesse primeiro momento, a pneumatologia e a escatologia estavam em ascensão e o autor chamou

⁴⁹ Os estudiosos de John Wesley enfatizam sua vivência espiritual e prática da fé experimental talvez por ele ter nascido e vivido na realidade da Inglaterra da revolução industrial e por aquela ocasião o número de desempregados e mendigos nos centros urbanos era grande. Os sermões de Wesley tinham um interesse voltado para as questões sociais pela miséria por influência do segmento religioso do pietismo⁴⁹ dos Irmãos Morávios. John Wesley residiu de 1776 a 1738 na Geórgia no sul dos Estados Unidos. Nos Estados Unidos os metodistas tiveram suas experiências pentecostais e naquela época houve ruptura hoje é possível um viés progressista e tradicionais nessas igrejas.

⁵⁰ http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_37e674932a476d39f51513b3192d0061 acesso em 19/05/2018/.

de período da biopotencia. Lourenço comenta que havia um desinteresse partidário e os discursos escatológicos milenarista, que significa crença da chegada em um novo mundo, da instituição estavam mais ligados a alienação propriamente dita sem que houvesse algum interesse ou partidarismo político por parte das mesmas.

Lourenço em sua pesquisa analisou os artigos publicados (1930 até 1988), do jornal O Mensageiro da Paz, órgão oficial da denominação a presença das Assembleias de Deus que trouxessem discussões sobre a política brasileira e conclui que a presença militante da instituição era cada vez maior. (Lourenço, 2016, p.14) Osiel conta que a doutrina escatológica da instituição no período de 1930 a 1945 era a do milenarismo. Para o autor, essa não foi a causa do seu afastamento ou inserção nas esferas públicas e ou no partidarismo, mas sim ao processo de reclusão dos homens e mulheres membros da instituição que pertenciam.

Devido à complexidade do tema para o artigo organizou-se um método de estudo que comportasse as muitas formas de aprendizagem interdisciplinar seguindo os seguintes passos:

1- Desenvolver e trabalhar nos cursos teológicos ementas interdisciplinares com os princípios básicos das ciências humanas e sociais necessários da *Teoambientologia* as suas intervenções e participações junto à cidadania.

2- A educação ambiental por vezes é também entendida como educação política, porque ela é partidária de ações transformadoras da realidade e da cidadania onde a sociedade está inserida.

3- Indicar formas de aperfeiçoamento das matrizes curriculares que tenham como objetivo discutir a presença da *Teoambientologia* e sua crítica à política atual de desenvolvimento econômico, respeitando a hermenêutica bíblica e a cosmovisão pentecostal.

4- Identificar soluções para o planejamento teórico e prático, não paliativos, ou seja, concretas e eficazes segundo o pensamento da teoria da complexidade.

5- Inventariar práticas pedagógicas inovadoras que devem ser usadas nas aulas da *Teoambientologia*, visando a implantação holística da disciplina.

6- Desenvolver conteúdos que tenham a capacidade representativa em explicar por si mesmas as articulações entre o ser humano com a *Teoambientologia*

No que diz respeito à degradação do meio ambiente, qual é a leitura do Apocalipse que lança luz ao verdadeiro opressor? Quais os agentes que atuam sobre o meio ambiente de forma tal que o degradam? As grandes mineradoras e os agentes de agronegócio que se utiliza de extensas terras para monoculturas, assuntos contemporâneos que permeiam a Teoambientologia, mas que também deveria assombrar os mordomos do planeta que por vezes demonstram um comportamento alienante diante dos problemas ambientais. Lourenço comenta que os pentecostais tenham um comportamento alienante e defende que a doutrina escatológica nem sempre é alienante, para o autor pode ser vista como incentivadora de novas concepções contestatórias (2016, p. 14).⁵¹.

CONSIDERAÇÕES GERAIS.

Para alguns pesquisadores a origem dos pentecostalismos brasileiro estão em suas heranças pietista oriundas de seus fundadores os suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren quando em sua chegada no Brasil. Entretanto, crescimento e o expansionismo nas diferentes culturas trouxeram e hoje temos os muitos tipos de pentecostalismos, tornando-se uma tarefa bem difícil mapear ou precisar as origens embrionárias dos tais pentecostalismos. O artigo buscou pelas historicidades dos diversos momentos do pentecostalismo destacando as suas possíveis bases históricas fundantes e matrizes teológicas. Em seguida discorreu sobre a Educação Ambiental e as influências teológicas histórica das ADs na América do Norte e no Brasil e os desafios da missão transformadora em compor com a Teoambientologia nas ADs Na América Latina, sempre pareceu haver uma ligação histórica entre o protestantismo latino-americano e o projeto liberal modernizador norte americano da missão que traziam as marcas do sectarismo e individualismo próprios do capitalismo. Cada indivíduo tem suas próprias crenças e o cristianismo passou a ser visto como uma religião cuja história e o passado são carregada de “violência”, exclusão, preconceito e racismos. Temos nas igrejas cristãs e nas sociedades um processo de substituição de Deus pelo ceticismo moderno. O que ocorre é que o Gnosticismo dos primeiros cristão grego- romano defendia a ideia de que o bem não pode ser material, isso é, e o ser humano é matéria, é “carne - corpo”, portanto em sua essência ele o corpo é mal, e tudo o que é material é mal, o mundo material é mal. Desde o início, em sua gênese, a raça humana se desviou do seu criador e enveredou por outros caminhos. Todo o planeta que estava sobre os cuidados do ser humano seguiu suas pegadas em direção ao caos.

⁵¹ Dispensionalismo faz parte da escatologia bíblica pentecostal e pode ser interpretado por diferentes autores em diferentes épocas por isso foi separado como Clássico, Revisado e Progressivo.

Cristãos ou não cristãos, os seres humanos perpassam por toda a história como pecadores carentes do perdão e da redenção. Entendemos que a aproximação do diálogo entre o fenômeno religioso, a ortodoxia da fé e a práxis da experiência isso é, a ortopatia através de um novo modelo pedagógico educacional cristão, prepare os cristãos para os diferentes saberes religiosos plurais da contemporaneidade do século XXI. Para isso o artigo propôs uma reflexão a partir da leitura de alguns artigos que fizeram britar a seguinte pergunta: Como as Igrejas das ADs devem proceder na sua educação teológica para permanecerem relevantes diante dos desafios da contemporaneidade: Para responder essa pergunta defendemos que, para os dias atuais, a educação teológica pode revisar os seus programas de ensino teológico e para tanto proponho a construção de um viés usado para a construção dessa revisão que se encontra na lógica dos *saberes da educação ambiental*, considerando os marcos teológicos da Missão Transformadora Tal revisão redundaria no que estamos chamando de Teoambientologia a Teologia Ambiental.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Gedeon. Assembleias *Brasileiras* de Deus Teorização História e Tipologia 1911-2011. PUC 2012.
- ARAÚJO, Israel de. Dicionário do Movimento Pentecostal. Bangu, RJ: CPAD, 2007
- BERGER, P. O Dossel Sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião. 4ª ed., São Paulo: Paulus, 2003.
- BORTOLINI, José. Como ler o Apocalipse. Paulus. São Paulo. 1994
- BITUN, Ricardo. Formação teológico-pastoral na tradição das Assembleias de Deus: experiências, ênfases e desafios. Revista Caminhando, v. 14, n. 2, p. 55-65, Jul./Dez. 2009.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. “O estudo do pentecostalismo diante das mudanças de paradigmas em Ciências da Religião”. In: Maraschin, Jaci (org.).
- CARVALHO, Lourenço, Osiel de. Pentecostalismo na Esfera Pública. Ed. Santorino. Joiville. 2018
- DE MATOS, Alderi Souza. O Movimento Pentecostal: Reflexões a Propósito do seu Primeiro Centenário–Parte1. Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FAIFA, Goiânia, n. 1, v. 3, 2011, pp.1-17.
- DOS SANTOS, Valter Borges. Pentecostalização do protestantismo histórico brasileiro: Estudos das Práticas Pastorais da Igreja Metodista Wesleyana.
- DIAS, Zwinglio Mota. Um século de religiosidade Pentecostal: algumas notas sobre a irrupção, problemas e desafios do fenômeno Pentecostal. Horizonte, Belo Horizonte, n. 22, v. 9, 2011, p. 377-382.
- DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FRESTON, Paul C, Evangélicos e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment. Campinas. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, mimeo, 1993.
- FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. Em: ANTONIAZZI, Alberto et al. Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.

FRY, Peter. Para inglês ver: Identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

¹ GOMES, Ozean, José. DA OBJEÇÃO AO RECONHECIMENTO: uma análise da política eclesial da Assembleia de Deus brasileira com respeito a educação teológica forma (1943-1983). São Bernardo do Campo. UESP 2013

GIUMBELLI, Emerson. A vontade do saber: terminologias e classificações sobre o protestantismo brasileiro. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, n. 1, v. 21, 2001, pp. 87-120. Disponível em: <http://docplayer.com.br/9201342-A-vontadedo-saber-terminologias.html>

STTOT, John R. W. Ouça o Espírito, Ouça o Mundo: Como ser um Cristão Contemporâneo. p.43-46

JOHNSON, Todd M. The global demographics of the Pentecostal and charismatic renewal. *Society*, Holanda, n. 6, vol. 46, 2009, pp. 479-483. MAFRA, Clara. Casa dos homens, casa de Deus. *Análise sócia*, Lisboa, n.º 182, Vol. XLII, 2007, pp. 145-161

LADD, Elton, George. *Esperança Abençoada*. Shedd Publicadora. São Paulo

MARIANO, Ricardo. Os neopentecostais e a teoria da prosperidade. *Novos Estudos*, São Paulo, Cebrap, n. 44, 1996. _____, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 121-138, 2004.

_____, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010. *Debates do NER*, Porto Alegre, n. 24, v. 2, 2013, pp. 119-137.

MARINGOLI, Ângela. *Teoambientologia: um desafio para a Educação Teológica*. São Paulo: Ed. Recriar 2019.

MARTIN, David. *Tongues of fire: Tongues of fire the explosion of protestantism in Latin America*. Oxford: Blackwell, 1990.

MÜNCH, Richard. A teoria parsoniana hoje: a busca de uma nova síntese. In: GIDDENS, Anthony, TURNER, Jonathan. *Teoria social Hoje*. São Paulo: UNESP, 1999.

ORO, Ari Pedro. Neopentecostalismo: dinheiro e magia. *Ilha Revista de Antropologia*, Florianópolis, n. 1, v. 3, 2001, pp. 071-085.

POMMERENING, Ivan, Claiton. *FÁBRICA DE PASTORES: Interfaces E Divergências Entre Educação Teológica E Fé Cristã Comunitária Na Teologia Pentecostal*. EST São Leopoldo, 2013.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1983.

RODRIGUES, Julia Maria de Souza. *Max Weber: uma leitura da sociologia da religião*. 2001. 137 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000218922>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

Rodrigues, Julia Maria de Souza Universidade Estadual de Campinas. Instituto de

STORNILO, Ivo. *Como ler o Livro de Daniel, Reino de Deus x Imperialismo.*, São Paulo. Paulus 2007.

HUME, David. *Diálogos sobre a religião natural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. file:///C:/Users/user/Desktop/87-Hume.pdf HUME E A CRÍTICA À RELIGIÃO NATURAL 1 Hélio José dos Santos SOUZA Rodrigo ANDIA Rogério VAGNA 2 acesso em 27/01/2019

NETO, João Oliveira Ramos *FÉ SUBVERSIVA: Uma análise do conflito sociopolítico da ideologia anabatista com as demais propostas da Reforma Protestante na Europa Central entre os anos de 1525 a 1555*. História da Universidade Federal de Goiás, como requisito para obtenção do título de doutor em História. (2016). [Anabatista João Oliveira Ramos Neto - 2016.pdf](#) acesso em 13/04/2021

PY Fabio <https://midianinja.org/fabiopy/flores-nas-encostas-de-cimento-o-silenciamento-e-a-tomada-dos-crentes-de-esquerda-na-politica/> acesso em 13/04/2021

